

MUSEU DA ENERGIA

UMA UTOPIA TORNA-SE REALIDADE

Artigo publicado In MEMÓRIA E ENERGIA. São Paulo: Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, n. 27. 2000, 96 p.

Ana Silvia Bloise

Não se pode precisar ao certo o período em que nas companhias de energia surgiu o interesse pela preservação de sua história empresarial. Já em 1891 os dirigentes da The San Paulo Gás, após a construção de um gasômetro na Várzea do Tamanduateí, enterraram vários documentos sob suas fundações, incluindo neste conjunto manuscritos, fotografias, jornais e um pequeno bico de gás para lâmpões, um evidente sinal de que gostariam de ver aquele trabalho pioneiro lembrado no futuro. Um artigo da revista *Light* de 1929, sobre a história da The San Paulo Gas Company registra: "São preciosos os arquivos da Companhia e neles se encontram, em perfeito estado, os mais antigos documentos" e reproduz um requerimento de 1875¹.

Porém, se muitos dos arquivos foram guardados com a consciência de quem preserva algo de valor, que "conta sua história", o mesmo não acontecia com os equipamentos, máquinas e ferramentas do cotidiano do trabalho. Tais objetos, em sua maioria fabricados em série e no estrangeiro, tão logo ficavam improdutivos ou obsoletos eram descartados e substituídos por outros iguais ou tecnologicamente superiores.

No entanto, alguns indivíduos² isoladamente, em diferentes momentos desta história, selecionaram, colecionaram e preservaram objetos encontrados nas empresas, por vezes ao longo de toda a sua vida funcional. Obstinação, paciência, desafiando por vezes ordens de seus superiores, usando conhecimento técnicos ou apenas a intuição, deve-se à visão deles a existência das coleções museológicas de história da energia, que nos permitem olhar hoje uma parte importante de nossa cultura industrial.

¹ UM pouco da história da The San Paulo Gas Co. Ltd. *Light*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 21, p. 12, out. 1929.

² Dedico este artigo a Antonio Senna, John Handy, Jurema Panadés Aranha, Luiz de Sousa Junior, Marci Areias, José Henrique Simões Beraldo e Milton Ferreira, profissionais que trabalharam grande parte de suas vidas nas empresas do setor de energia paulista e aqui simbolizam um fato comprovado pela prática profissional: nós brasileiros temos interesse e sentimentos bastante positivos em relação à nossa memória e história, ao contrário do que insiste em dizer um certo senso comum pessimista .

Foi apenas durante os anos 80 deste século³ que foram criados departamentos nas estruturas organizacionais das companhias Eletropaulo, Cia. Energética de São Paulo – Cesp, Cia. Paulista de Força e Luz – CPFL e Cia. de Gás de São Paulo – Comgás, com a finalidade de estudar, preservar e divulgar um amplo e variado acervo acumulado ao longo de mais de cem anos de atividades.

Começaria então a ficar mais evidente o primeiro valor do patrimônio histórico das energéticas, que descortinava aos especialistas e ao público em geral a forte influência daquelas organizações empresarias nas políticas públicas, como agentes ou protagonistas das principais mudanças ocorridas em São Paulo, desde o início de sua industrialização. É neste período que vamos observar a institucionalização das coleções, com a contratação de profissionais especializados e a criação dos primeiros museus do setor: o Museu Histórico do Gás Canalizado, em 1983, na sede da Comgás em São Paulo; o Museu Histórico da CPFL, em 1986, localizado na Subestação Campinas-Centro; o Museu da Energia na Usina do Corumbataí, em Rio Claro, criado em 1990 pela Cesp, e os Museus da Eletricidade, localizados nas agências da Eletropaulo em Jundiaí (1988) e Itu (1994).

Nestas primeiras iniciativas de divulgação do patrimônio, o uso do conceito de "museu" estava mais próximo do que hoje denominamos "exposição de museu". A principal função era a de apresentar o acervo que fora até então preservado, agora em espaços abertos ao público para esta finalidade. As exposições eram normalmente produzidas para comemorarem datas festivas das empresas. Geralmente, tão logo as comemorações terminavam, diminuía os recursos oferecidos ao museu e necessários a seu funcionamento. As exposições iniciais abordavam temas bastante técnicos, pouco compreensíveis ao público leigo, pois nem sempre contavam com o devido apoio museográfico.

Apresentavam algumas tipologias de objeto extensivamente documentadas (medidores de consumo, por exemplo), em contraste com importantes ausências, como objetos que demonstrassem as aplicações práticas da energia no cotidiano, ou que explicassem a geração elétrica e a produção do gás combustível. Isto não só dificultava

³ A iniciativa pode ser entendida como reflexo do momento de redemocratização que o país atravessava, em que se acreditava ser preciso dar acesso aos documentos da história das empresas prestadoras de serviços públicos, no momento em que o governo do estado era o seu principal acionário.

o entendimento dos processos industriais e tecnológicos como também outras reflexões sobre as questões científicas, sociais e ambientais relacionadas ao uso e transformações da energia na atualidade.

Outra parte importante deste acervo, voltada à memória empresarial, estava representada por objetos do universo do trabalho burocrático, nos escritórios e agências: cadeiras, mesas, armários, instrumentos de escrita, máquinas registradoras, relógios, chaves, medalhas e placas comemorativas, são alguns exemplos. A memória do trabalho nas fábricas, na manutenção dos sistemas e outras atividades de campo, que envolveram um número mais significativo de trabalhadores estava comparativamente pouco documentada.

O público destes primeiros museus era restrito: funcionários, aposentados, *trainees*, fornecedores, visitantes e parceiros comerciais das empresas, técnicos e estudantes das áreas de engenharia, tecnologia e afins, e especialistas. Quando possível, grupos de estudantes de escolas próximas eram recebidos por funcionários destacados para atividades de monitoria. Os horários de visita estavam restritos ao horário comercial da empresa.

O desafio da privatização

Em 1995, com o início do processo de privatização das empresas de energia, foi realizado um segundo grande esforço de preservação deste patrimônio. A iniciativa foi tomada por profissionais especialistas que vinham trabalhando com os diversos acervos dentro dos departamentos e setores destinados à memória e história empresarial. As principais questões que eram colocadas na época da privatização merecem ser lembradas: O governo do Estado poderia vender suas ações nas empresas de energia a grupos privados, porém era correto vender o que era considerado patrimônio histórico da sociedade? Se esta hipótese fosse confirmada, como este iria ser então contabilizado? Que garantias haveria de que o mesmo seria disponibilizado para a sociedade e não novamente vendido a terceiros, leiloado? A possibilidade do tombamento não parecia ser a solução que daria a segurança da preservação material e ao mesmo tempo a certeza de que o patrimônio histórico em poder daquelas empresas seriam usufruídos pela sociedade.

Previa-se ainda uma série de ajustes no mercado da energia, ao menos durante os primeiros anos pós-privatização, que se refletiria em compra e venda de participações acionárias das empresas, mudanças rápidas de políticas, valores e estilos de gestão e uma ênfase na conquista de resultados financeiros, justificando para os acionistas o investimento realizado. Neste cenário de mudanças profundas sabia-se que os bens de valor histórico estariam ameaçados.

Após dois anos de estudos, é criada em março de 1998 a Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, dando-se continuidade, recursos e independência de ação, ao trabalho de preservação patrimonial que fora até então realizado. Tal fato, até hoje inédito na nossa história, uniria coleções de diferentes procedências que se complementavam, trazendo para os técnicos e estudiosos a expectativa de que muitas lacunas poderiam ser então preenchidas.

Redescobrimo o acervo, suas limitações e soluções

A retirada dos objetos museológicos do contexto espacial e da "vida das empresas", naquele momento, teve seu mérito indiscutível pelos argumentos acima mencionados. Por outro lado, distante de suas origens, de seu contexto de uso, no primeiro momento aparentemente tinham seu significado empobrecido. A Fundação teria como desafio não apenas assegurar a tais objetos maiores chances de preservação, mas também melhores formas de exposição, pesquisando acervos complementares e utilizando novas técnicas museográficas, através das quais pudéssemos recuperar ambientes e contextos em que estes objetos foram utilizados no passado.

O trabalho inicial de inventário e identificação sumária de centenas e até milhares de itens, substituiu durante os primeiros meses de nossas atividades as preocupações de ordem mais filosófica.

A primeira análise que se fez do acervo reunido das empresas revelou sua originalidade e, ao mesmo tempo, a descoberta da possibilidade de se dar uma missão maior e mais significativa ao programa de museologia: Os novos espaços nas usinas e nas edificações urbanas que passaram a integrar o acervo arquitetônico poderiam abrigar às atividades de divulgação - exposições e ações educacionais. As coleções, antes restritas à memória empresarial, poderiam ser complementadas de maneira a dialogarem com outros segmentos de público e com a sociedade em geral.

Aquisição ativa como forma de enriquecer o acervo

Nunca havíamos tido uma política definida de aquisição para os nossos museus empresariais, até recentemente. As doações ocorriam espontaneamente através de funcionários antigos ou aposentados; outros objetos eram recolhidos de depósitos e sucatas pelos técnicos do patrimônio, na medida do possível... Raramente objetos eram comprados, poucos objetos eram agregados vindos de outras empresas ou setores da sociedade. A composição do conjunto refletia o acaso, por vezes a falta de uma intenção museológica ou dos meios de atingi-la.

Definimos na Fundação, para os primeiros anos, que deveríamos investir em ações que dessem um caráter mais amplo e significativo ao acervo e possibilitassem a montagem de diferentes exposições conceituais e temáticas. Temos também como meta de médio prazo fazer um registro permanente das principais transformações tecnológicas ocorridas na área, relevantes no Brasil, tanto das fontes de energia tradicionais como das energias alternativas.

As formas de aquisição são hoje:

- **Doações.** São sempre recebidas de maneira ativa, seja por solicitação da própria Fundação, seja após análise e avaliação técnica da equipe, quando a doação é proposta pelos proprietários;
- **Comodatos.** Contratos em que o proprietário do objeto permite à Fundação dispor do mesmo para estudo e divulgação pública, por tempo limitado e prorrogável;
- **Compras.** São limitadas aos objetos que preenchem lacunas importantes para a história da tecnologia ou para a formação de uma memória da energia. Devem ter qualidade estética e estrutural para integrar exposições.

Redefinindo a missão do trabalho do Museu

As primeiras definições procuraram limitar algumas fronteiras e ampliar horizontes. Citamos brevemente algumas considerações e conclusões:

O universo de interesse do acervo antes quase que exclusivamente limitado ao mundo tecnológico da eletricidade e do gás canalizado, deveria ser expandido para todas as energias utilizadas em nosso país a partir de 1850⁴. Deveria ser realizado um esforço não apenas para ampliar as coleções históricas, mas para agregar ao ambiente das exposições o apoio de maquetes, cenários, modelos, experimentos, jogos e brinquedos especialmente concebidos. Ampliamos o conceito de objeto museológico. Partimos da idéia de que toda expressão material ou não do patrimônio histórico da Fundação poderia e deveria ser musealizada⁵. Assim, por exemplo, no Museu da Energia - Núcleo de Itu, o Sobrado que abriga o Museu foi tratado como objeto museológico na concepção expositiva.

Surge deste cenário idealizado a idéia de um *Museu da Energia*.

O Museu da Energia é hoje um conceito que define e sintetiza as atividades museológicas da Fundação. A ação se realiza na prática, de maneira descentralizada, através dos núcleos regionais já em funcionamento ou em fase de implantação, situados nos municípios de Itu, Salesópolis, Rio Claro e Jundiaí e em sua sede, no bairro do Cambuci, na capital paulista. O "fazer museológico" é visto como processo contínuo de aperfeiçoamento, alimentado por um lado pelo conhecimento científico e por outros pelos interesses detectados na comunidade que dele participa e usufrui.

Exposições

No Museu da Energia as exposições têm como princípio orientador:

- divulgar o acervo da Fundação e pesquisas a partir dele realizadas;
- incorporar, sempre que possível, elementos da história da energia regional ou local, através do uso de documentos históricos tradicionais e de registros orais;
- incluir como tema o uso racional da energia e dos recursos ambientais, por sua grande relevância para a sociedade atual e para o nosso futuro global.
- ter como meta propiciar a melhor interação do acervo com o visitante, de maneira intelectual, sensorial e motora ou emocional, levando-o a uma experiência pessoal positiva.

⁴ A data limite escolhida coincide com o uso mais intensivo dos primeiros energéticos da era industrial no Brasil, como o querosene e o carvão.

⁵ Embora só as coleções de objetos recebam o tratamento museológico na sua forma de documentação e conservação permanentes.

Administração e serviços

Foram definidos pelo órgão diretor da Fundação alguns parâmetros físico-financeiros para o funcionamento das unidades com conseqüências diretas para o programa museológico.

Feitos os investimentos iniciais para restaurar e implantar os núcleos, cada unidade regional deve procurar atingir a auto-suficiência financeira, necessária à manutenção de sua estrutura de trabalho. Assim, a partir de 2001, os núcleos do Museu deverão estar abertos a visita pública todos os dias da semana, exceto nos feriados nacionais e municipais.

O Museu procura oferecer a infra-estrutura básica para a visita, incluindo estacionamentos, acesso a deficientes, cafeteria ou lanchonete e loja do Museu com *souvenires* e brinquedos educativos, relacionados aos temas das exposições e ao acervo da Fundação.

Ação educacional⁶

A partir do momento em que os núcleos do Museu estejam implantados o papel do Museu enquanto instrumento de educação informal vem sendo priorizado. A educação, neste contexto, é vista como a facilitação de aprendizados através de situações e vivências adquiridas no espaço do Museu ou através dele. O corpo docente das escolas públicas e privadas é incentivado a participar conosco do trabalho com as crianças, fazendo com que a transdisciplinaridade e a contextualização preconizadas na Lei de Diretrizes e Bases - L.D.B. possam também ser exercidas e vivenciadas nos diferentes ambientes do Museu da Energia.

Várias formas de visita e atividades paralelas já estão disponíveis a visitantes individuais e grupos. Dentre elas destacamos a pesquisa nas bibliotecas multimídia e videotecas, especializadas na difusão dos temas história da energia, energia e meio ambiente e ciência básica da energia

Participam diretamente deste trabalho o educador do núcleo, auxiliado por monitores/facilitadores e voluntários da terceira idade. É política da Fundação recrutar para tais funções moradores da cidade ou da região, que recebem apoio financeiro e treinamento específico.

⁶ Nesta seção do artigo colaboraram Sarah Lúcia Saraiva Corrêa, pedagoga e coordenadora do Museu da Energia – Núcleo de Itu, da Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, e Karina Pardini Toledo, estudante de História na Universidade de São Paulo - USP e estagiária da mesma Fundação.

A visitação realizada ao Museu da Energia - Núcleo de Itu, por crianças de escolas cadastradas no programa PROCEL nas Escolas⁷ tem trazido resultados bastante positivos. De maio a setembro de 2000 mais de três mil crianças participaram de visita monitorada ao Museu como atividade extraclasse deste programa.

Surgem deste cenário as primeiras realizações de um *Museu da Energia*, hoje um conceito que define e sintetiza as atividades museológicas da Fundação. Através dele são construídas as relações entre o público e um acervo que retrata as profundas transformações na sociedade, ocorridas pelo uso da energia. Reconhecer as diferenças, perceber os processos, questionar, identificar-se através deste *patrimônio* e desta forma transforma-lo em *herança*⁸ de uma parcela cada vez maior de indivíduos é a meta a ser alcançada.

Ana Silvia Bloise é Bióloga e Especialista em Museologia, foi coordenadora do Programa de Museologia da Fundação Energia e Saneamento.

BIBLIOGRAFIA

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia para professores: os caminhos da educação pelo patrimônio*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998. p. 19. Apostila de curso.

UM pouco da história da The San Paulo Gas Co. Ltd. *Light*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 21, p. 12, out. 1929.

⁷ O Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica – PROCEL foi instituído em 30 de dezembro de 1985, através da Portaria Interministerial no. 1877, como resultado da ação conjunta do Ministério de Minas e Energia e do Ministério da Indústria e do Comércio. Sua implementação e continuidade couberam à Eletrobrás – Centrais Elétricas Brasileiras S.A. Em 18 de julho de 1991, através de Decreto Presidencial, o PROCEL deixou de ser um programa setorial e passou a ser Programa de Governo, tendo assim sua abrangência e responsabilidades ampliadas. Entre suas diversas ações para conscientizar o público da necessidade de uso racional de Energia elétrica, há uma especialmente dirigida para crianças e adolescentes de instituições de ensino: é o PROCEL nas Escolas.

⁸ "**Patrimônio**: conjunto de bens, fruto das relações do homem com o meio ambiente e com os demais homens, assim como as interpretações dessas relações.

Herança Cultural: consciência da existência do patrimônio, assumido enquanto conjunto de signos, que permitem a identificação do indivíduo em relação a si mesmo e ao grupo a que pertence, no tempo e no espaço".

In BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia para professores: os caminhos da educação pelo patrimônio*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998. p. 19. Apostila de curso.

Ana Silvia Bloise é bióloga, especialista em Museologia.